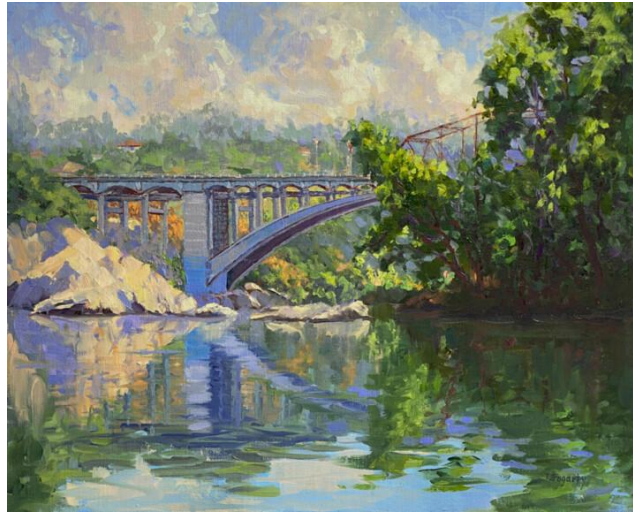


FILHOS DE ALTA DEMANDA: QUANDO O TEMPO PRECISA APRENDER OUTRA LINGUAGEM

Psicanalista Renata de Masi



REFLEXÕES DA PONTE DO ARCO-ÍRIS (2021) Pintura de Tatyana Fogarty

Toda travessia importante da vida exige um luto e inaugura uma nova forma de amar.

Existe uma dor que raramente encontra palavras: A dor dos pais de filhos de alta demanda.

Porque quando um filho nasce, nasce junto um imaginário, não apenas sobre quem aquele bebê será, mas sobre o tempo, sobre a sequência natural das coisas.

- O primeiro sorriso.
- Os primeiros passos.
- A escola.
- As amizades.
- A adolescência.
- A independência.
- A vida adulta.

Existe uma linha imaginária que habita silenciosamente quase todos os pais, e quando essa linha não acontece como esperado, algo dentro deles também precisa se reorganizar.

Talvez uma das experiências mais difíceis seja perceber que a idade cronológica e o desenvolvimento nem sempre caminham juntos.

Olhar para um filho de 18 anos e perceber que sua autonomia emocional, social ou funcional se aproxima mais da de um adolescente muito mais novo mexe profundamente com a experiência do tempo.

Porque não é apenas o filho que cresce de forma diferente, os pais também precisam aprender a habitar um calendário diferente. E isso dói. Dói porque frequentemente surge uma pergunta cruel: "Onde eu errei?".

Poucas perguntas machucam tanto, porque ela nasce do amor, mas também nasce da fantasia de que os pais controlam mais do que realmente controlam.

A verdade é que existem histórias que não podem ser explicadas por um único erro.

- Existem condições que não nasceram de uma única escolha.
- Existem trajetórias que não cabem na lógica simplista da culpa. Mesmo assim a culpa aparece. Ela aparece quando:

- Os pais se comparam.
- Quando observam outros jovens da mesma idade.
- Quando veem amigos dos filhos conquistando autonomia.
- Quando percebem que a travessia será mais longa do que imaginaram.

Mas talvez o sofrimento mais silencioso esteja em outro lugar. Não apenas na diferença do desenvolvimento, mas na diferença entre o tempo esperado e o tempo vivido.

Enquanto muitas famílias organizam suas expectativas por aniversários, séries escolares, diplomas e marcos sociais, os pais de filhos de alta demanda frequentemente precisam aprender uma linguagem diferente: a linguagem do tempo singular.

- Um tempo que não segue o calendário.
- Um tempo em que cada pequena conquista pode levar anos.
- Um tempo em que aquilo que para outras famílias parece simples pode exigir um trabalho emocional gigantesco.

E talvez uma das tarefas mais difíceis seja justamente esta: aprender a reconhecer valor sem usar a comparação como régua. Porque quando a comparação se torna a medida de tudo, nenhuma conquista parece suficiente.

Mas quando o olhar encontra o filho real, algo muda.

- Uma palavra nova.
- Uma habilidade conquistada.
- Uma autonomia construída.
- Um medo enfrentado.

Tudo isso passa a ter um valor que apenas quem vive essa jornada consegue compreender, mas o peso não termina aí. Porque existe outra dor que quase ninguém autoriza: O cansaço.

Um cansaço tão profundo que, por alguns momentos, o amor parece desaparecer. E isso costuma assustar muito os pais, mas talvez seja importante dizer algo que raramente é dito:

- Sentir raiva não é deixar de amar.
- Sentir exaustão não é deixar de amar.

- Sentir vontade de fugir por alguns instantes não é deixar de amar.

Existem momentos em que o psiquismo simplesmente não consegue sustentar tanta pressão sem produzir algum endurecimento defensivo.

E muitos pais carregam vergonha por sentimentos que são profundamente humanos. Outro sofrimento pouco falado é o medo do futuro.

Não apenas o futuro do filho, mas o próprio futuro.

- Quem irá cuidar dele?
- Quem irá compreendê-lo?
- Quem irá protegê-lo?
- Quem estará presente quando eu não estiver?

Talvez essa seja uma das angústias mais profundas dessa jornada. Porque todo pai sabe que sua própria vida tem limites. E essa consciência torna-se mais intensa conforme os anos passam. Enquanto isso:

- Sonhos vão sendo reorganizados.
- Projetos são adiados.
- Mudanças são interrompidas.
- Viagens são canceladas.
- Escolhas profissionais são revistas.
- Casamentos são colocados à prova, e nem todos sobrevivem.

Porque o estresse contínuo cobra um preço emocional elevado.

Muitos casais descobrem que amam o filho, mas não conseguem atravessar da mesma maneira o sofrimento que o acompanha.

- A vida social também muda.
- Os encontros mudam.
- As conversas mudam.
- As comparações machucam.

Muitas famílias começam a se afastar silenciosamente porque não sabem mais como explicar aquilo que vivem. E aos poucos surge um luto, não o luto pelo filho real., mas pelo filho imaginado. E talvez esse seja um dos lutos mais difíceis da vida, porque ele não acontece uma única vez.

- Ele reaparece em vários aniversários.
- Em várias comparações.
- Em várias expectativas que precisam ser revisitadas.
- Em cada momento em que a realidade pede uma nova reorganização interna.

Mas existe uma diferença importante entre desistir do filho imaginado e desistir do filho real.

Quando os pais conseguem elaborar esse luto, algo precioso pode acontecer. Eles começam a enxergar o filho que existe, não apenas aquele que imaginaram. E isso abre espaço para encontros mais verdadeiros, para alegrias mais reais, para conquistas que deixam de ser medidas pela comparação com os outros.

A resiliência desses pais é colocada à prova repetidamente, por isso os chamados objetos bons tornam-se tão importantes.

- Uma rede de apoio.
- Um profissional de confiança.
- Um amigo que escuta.
- Um parceiro que permanece. ○ Uma família que acolhe. ○ Uma análise.

Porque ninguém atravessa sozinho experiências emocionalmente tão exigentes, e talvez seja justamente por isso que a análise pessoal e familiar tenha tanto valor. Não para apagar a dor, mas para ajudar a dar lugar a ela.

- Nome.

- Sentido.

- História.

Porque quando algo ganha um lugar dentro do psiquismo, deixa de precisar aparecer apenas como culpa, exaustão ou desespero.

Filhos de alta demanda desafiam profundamente o narcisismo parental, talvez mais do que qualquer outra experiência.

Porque obrigam os pais a abandonar a fantasia de controle, a abandonar comparações, a abandonar roteiros prontos, e a construir novas formas de esperança.

Mas também podem ensinar algo raro: que amar não é apenas celebrar aquilo que corresponde às nossas expectativas.

Amar é continuar encontrando o outro, mesmo quando a vida escreve uma história diferente da que imaginávamos, e isso não é pouco, é uma das formas mais difíceis, mais maduras e mais belas de amor que existem.